

RESENHA

VALE, Mario. **Conhecimento, Inovação e Território**. Lisboa: Editora Papagaio, 2012.

Regina Helena Tunes¹

Conhecimento, Inovação e Território, escrito pelo professor Mario Vale, pesquisador do Centro de Estudos Geográficos do Instituto de Letras e professor do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, da Universidade de Lisboa, tem como principal objetivo discutir as transformações econômicas na escala local e regional relacionadas à sociedade e à economia do conhecimento. Essas transformações econômicas fizeram emergir a discussão das territorialidades e o papel da aglomeração espacial no desenvolvimento das atividades de inovação e conhecimento.

Assim, a questão que norteia a obra é: quais são os fatores que contribuem para esta concentração em uma fase do capitalismo marcada pela mobilidade do capital e da informação e de redução relativa dos custos de transportes? O autor aponta três ordens de razão para essa concentração e discorre nos cinco capítulos que compõem o livro sobre mais detalhes acerca da sua visão.

O livro procura responder a esta questão central, assumindo que há três ordens de razão para esta concentração geográfica: razões de ordem produtiva (sistema produtivo); razões de ordem laboral (mercado de trabalho); razões de ordem tecnológica (aprendizagem e inovação) (VALE, 2009:11).

No capítulo 1 o autor discorre sobre o papel das inovações no desenvolvimento regional afirmando que a inovação é uma dimensão

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo e professora da Universidade Metropolitana de Santos. Contato: rtunes@usp.br.

econômica do desenvolvimento que marca a modernidade. Essa perspectiva se iniciou nas formas de organização econômica e social baseadas na experiência europeia e norte-americana a partir dos anos 1970 e estão vinculadas ao processo de reestruturação produtiva mundial. Faz também uma análise dos primeiros trabalhos que realizaram uma pesquisa sobre a relação entre inovação e desenvolvimento, destacando a obra pioneira de Schumpeter (1911) na Economia e de Hagerstrand (1967), na Geografia.

Já no capítulo 2, intitulado de *Teorias Tradicionais de Desenvolvimento Regional*, o autor considera cinco famílias teóricas diferentes na análise do desenvolvimento regional: a teoria da economia clássica, as abordagens keynesianas, a teoria marxista, o desenvolvimento endógeno e o capital social e, por último, a contribuição do que o autor identificou como a “nova geografia econômica”.

Nas duas primeiras famílias teóricas o autor destaca a dualidade entre elas acerca do papel do Estado. Enquanto a teoria clássica acreditava que a maturidade do processo de desenvolvimento levaria a um natural decréscimo do desenvolvimento regional desigual, daí não ter importância alguma a intervenção do Estado na economia, a segunda destaca o importante papel do Estado através dos investimentos públicos na geração de empregos e riquezas que corroboram com o desenvolvimento.

A terceira família teórica sobre desenvolvimento regional analisada pelo autor foi a teoria marxista, da qual o autor destaca três perspectivas fundamentais: o conceito de *spatial fix* de David Harvey (2007); a teoria da dependência dos autores ligados a CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e Caribe) e a teoria centro-periferia de Wallerstein (1974).

A quarta e quinta famílias teóricas, mais recentes, estão associadas respectivamente ao paradigma do desenvolvimento de “baixo para cima”, a partir da convergência do crescimento econômico regional que elaborou o conceito de capital social (WILLIS, 2011) como um dos mais representativos nessa abordagem; e, por último, à contribuição do que Krugman (1991) denominou de “nova geografia econômica”, que são os estudos recentes de fatores como as externalidades pecuniárias e tecnológicas, redução do custo de transporte e dimensão do mercado (KRUGMAN, 1991), relacionadas com a tendência atual da concentração geográfica das atividades econômicas.

O capítulo 3 trata com mais aprofundamento das relações entre território e inovação ao realizar uma análise do que Moulaert e Sekia

(2003) denominam de *territorial innovation models*, que não devem ser considerados, como sugere a tradução literal, como modelos de análises territoriais, mas sim enquanto conjunto de análises teóricas sobre a relação entre território e inovação.

Assim, neste capítulo o autor apresenta os argumentos de cada abordagem teórica, os autores mais importantes e as principais fragilidades teóricas e metodológicas dessas teorias. Ele analisa as seguintes perspectivas: novos espaços industriais de autores como Scott (1988) e Storper (1997); *clusters* de Porter (1990) e Saxenian (1994); a recuperação do conceito marshalliano de distrito industrial a partir das análises recentes de Antonelli (1999), Amin (1992), Becattini (1992), entre outros; o meio inovador de autores como Aydalot (1986), Camagni (1991), Maillat (1982) que estão associados ao *Groupe de Recherche Européen sur les Milieux Innovateurs* (GREMI), na Suíça; e os sistemas regionais e nacionais de inovação de Cooke (1992), Florida (1995) e Freeman (2002).

No capítulo 4, que tem como título *Espaço, Redes de Conhecimento e Inovação*, o autor faz uma crítica às teorias que analisam as redes de cooperação entre empresas e instituições de apoio a partir da visão dual de proximidade versus distância.

O autor parte dos conceitos de *conhecimento codificado* e *conhecimento tácito* para mostrar que hoje as redes de cooperação estabelecidas entre empresas e instituições de apoio na dinâmica da inovação não podem mais ser analisadas de forma excludente e que ambas, as redes próximas e distantes, são essenciais para as empresas inovarem.

Já no último capítulo do livro o autor faz uma análise da dimensão institucional da inovação a partir da análise do papel de institutos regionais portugueses no apoio à troca e à exploração de diferentes tipos de conhecimentos. As instituições regionais analisadas são os institutos de ciência e tecnologia, agências de formação, associações empresariais e organizações financeiras de capital de risco.

Dessa forma, a obra é uma importante contribuição teórica e metodológica para os estudos que tratam da relação entre território e inovação em uma perspectiva geográfica que origina o que o autor denomina de Geografia da Inovação. Para isso o autor recupera vários estudos da Geografia, Sociologia, Economia, História e avança na compreensão da economia do conhecimento - objeto de extensa bibliografia no Brasil em outras áreas do conhecimento, mas que na Geografia ainda são raros os estudos - a partir de uma perspectiva em que o

território, conceito fundamental da Geografia, é protagonista do desenvolvimento.